



A contribuição da Antropologia para o ensino de Sociologia na educação básica: desafios e perspectivas

Benedito do Socorro Fernandes Pastana¹

RESUMO

O presente artigo analisou as contribuições da Antropologia para o ensino de Sociologia no Ensino Médio, considerando suas possibilidades teóricas e metodológicas para a compreensão da diversidade sociocultural e das identidades juvenis, bem como os desafios relacionados à construção de uma abordagem interdisciplinar na Educação Básica. O estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter teórico-reflexivo, fundamentada em autores que discutem etnocentrismo, alteridade, juventude, identidade, educação e ensino de Antropologia e Sociologia. A análise está organizada em três eixos: a interlocução entre Antropologia e Sociologia no ensino escolar; as relações entre juventude, identidade e educação; e os desafios e perspectivas para a construção de práticas pedagógicas interdisciplinares. A discussão evidencia que conceitos antropológicos como cultura, etnocentrismo, relativismo cultural e alteridade podem contribuir para a problematização de preconceitos, discriminações e visões hierarquizadas das diferenças socioculturais. Também demonstra que a compreensão da juventude como categoria social heterogênea possibilita aproximar os conteúdos escolares das experiências dos estudantes. Entre os principais desafios destacam-se a formação docente, as limitações institucionais e a necessidade de materiais e metodologias contextualizadas. Conclui-se que a articulação entre Antropologia e Sociologia pode ampliar as possibilidades de um ensino crítico, interdisciplinar e comprometido com a valorização da diversidade.

Palavras-chave: Antropologia, Ensino de Sociologia, Interdisciplinaridade, Juventude.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Básica, especificamente, o Ensino Médio, constitui um espaço fundamental para a formação crítica, social e cultural dos jovens. Para além da transmissão de conhecimentos sistematizados, a escola participa dos processos de socialização, construção de identidades,

¹ Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Tecnologia do Amapá (META). Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Mestrando no Programa Profissional de Sociologia em Rede Nacional (Profsocio) pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: beneditosfpastana@gmail.com

pertencimentos e compreensão da realidade, reunindo sujeitos provenientes de diferentes contextos socioculturais. Nesse cenário, o ensino de Sociologia assume papel relevante ao proporcionar aos estudantes instrumentos conceituais que possibilitam problematizar fenômenos sociais, desnaturalizar relações historicamente construídas e desenvolver uma leitura crítica acerca da sociedade em que estão inseridos.

Embora possua especificidades próprias, a Sociologia integra o campo das Ciências Sociais juntamente com a Antropologia e a Ciência Política. A interlocução entre essas áreas permite ampliar as possibilidades de interpretação dos fenômenos sociais e culturais, favorecendo uma compreensão mais abrangente das relações estabelecidas entre indivíduos, grupos e instituições. Particularmente, a Antropologia oferece importantes contribuições para o ensino de Sociologia ao possibilitar a abordagem de conceitos como cultura, etnocentrismo, relativismo cultural e alteridade, fundamentais para compreender a diversidade sociocultural e problematizar visões naturalizadas acerca das diferenças.

Essa contribuição torna-se especialmente importante em uma sociedade marcada pela pluralidade cultural, mas também pela permanência de preconceitos, discriminações, estereótipos e diferentes formas de hierarquização social. No ambiente escolar, tais questões podem manifestar-se nas relações cotidianas entre os estudantes e nos diferentes espaços de sociabilidade dos jovens, inclusive nos ambientes digitais. Nessa perspectiva, o diálogo entre Antropologia e Sociologia pode favorecer a compreensão das diferenças como elementos constitutivos da vida social e contribuir para problematizar situações nas quais essas diferenças são utilizadas como justificativa para desigualdades e práticas discriminatórias.

A aproximação com a Antropologia também possibilita ampliar a compreensão sobre juventude e identidade no espaço escolar. A juventude não pode ser entendida como uma categoria homogênea ou exclusivamente determinada pela faixa etária, haja vista que suas experiências são construídas social e historicamente e atravessadas por diferentes condições culturais e sociais. Os jovens estabelecem formas próprias de pertencimento, sociabilidade e identificação, ao mesmo tempo em que se relacionam com valores e expectativas produzidos pelas instituições sociais. Nesse contexto, a escola desempenha papel importante na constituição das identidades juvenis, podendo tanto reproduzir determinados padrões sociais quanto favorecer espaços de reconhecimento, diálogo, contestação e valorização da diversidade.

Entretanto, a presença mais efetiva das contribuições antropológicas no ensino de Sociologia encontra diferentes obstáculos. Entre eles, destacam-se limitações relacionadas à formação inicial e continuada dos professores, à aproximação ainda restrita entre determinados debates antropológicos e a realidade da Educação Básica, à disponibilidade de materiais

didáticos contextualizados e às condições institucionais para a realização de propostas interdisciplinares. Acrescentam-se a esses aspectos as resistências que podem surgir no ambiente escolar diante da abordagem de questões consideradas sensíveis, como relações étnico-raciais, gênero, orientação sexual, identidade e outras formas de diferença social e cultural.

Diante dessa problemática, o presente estudo orienta-se pela seguinte questão de pesquisa: de que maneira as contribuições teóricas e metodológicas da Antropologia podem fortalecer o ensino de Sociologia no Ensino Médio, particularmente na compreensão da diversidade sociocultural e das identidades juvenis, e quais desafios se apresentam à consolidação dessa articulação interdisciplinar na Educação Básica?

A partir dessa questão, estabelece-se como objetivo geral analisar as contribuições da Antropologia para o ensino de Sociologia no Ensino Médio, considerando suas possibilidades teóricas e metodológicas para a compreensão da diversidade sociocultural e das identidades juvenis, bem como os desafios e as perspectivas para a consolidação de uma abordagem interdisciplinar na Educação Básica. De maneira específica, busca-se discutir as contribuições de conceitos antropológicos, como cultura, etnocentrismo, relativismo cultural e alteridade, para a compreensão crítica das diferenças socioculturais; analisar as relações entre juventude, identidade e educação a partir de uma perspectiva antropológica; identificar desafios formativos, pedagógicos e institucionais que dificultam uma maior articulação entre Antropologia e Sociologia na Educação Básica; e refletir sobre possibilidades metodológicas e práticas pedagógicas interdisciplinares capazes de aproximar os conhecimentos antropológicos das experiências socioculturais dos estudantes.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter teórico-reflexivo, fundamentada em produções acadêmicas relacionadas à Antropologia, ao ensino de Sociologia, à juventude, à identidade e à interdisciplinaridade. A discussão mobiliza, entre outros, os trabalhos de Rocha (1998), Viana (2009), Fontes (2019), Groppo (2017), Pinto (2014) e Buti (2021), articulando suas contribuições aos diferentes eixos desenvolvidos no artigo. Além da revisão bibliográfica, são apresentadas situações provenientes da experiência docente do autor em caráter ilustrativo e reflexivo, com o propósito de estabelecer aproximações entre os referenciais teóricos discutidos e questões presentes no cotidiano escolar. Essas situações não constituem procedimentos sistemáticos de coleta de dados ou uma pesquisa empírica com participantes, sendo utilizadas exclusivamente como exemplos para a problematização das relações entre diversidade, identidade, preconceito e práticas educativas.

Para desenvolver essa discussão, o artigo está organizado em três eixos. Inicialmente, aborda-se a interlocução entre Antropologia e Sociologia no Ensino Básico, destacando conceitos antropológicos que contribuem para a compreensão da diversidade sociocultural e para a problematização do etnocentrismo e das práticas discriminatórias. Em seguida, discutem-se as relações entre juventude, identidade e educação em diálogo com a perspectiva antropológica, considerando os jovens como sujeitos sociais heterogêneos e participantes dos processos de construção de identidades. Por fim, analisam-se os desafios e as perspectivas relacionados à construção de um ensino interdisciplinar, com atenção à formação docente, às condições institucionais e às possibilidades de desenvolvimento de práticas pedagógicas contextualizadas.

2 A INTERLOCUÇÃO ENTRE ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA NO ENSINO BÁSICO

A correlação entre a Sociologia e Antropologia no ensino médio emerge como uma proposta necessária para o atendimento das demandas do mundo contemporâneo que é globalizado e apresenta a diversidade cultural. Nesse contexto, o ambiente escolar é um espaço privilegiado para a percepção de diferentes visões de mundo, bem como para a construção de valores, ideias, comportamentos que norteiem o respeito ao outro, que é diferente², e, logicamente, a articulação entre as duas disciplinas acima mencionadas por meio de uma abordagem interdisciplinar pode contribuir para um ensino significativo para o processo de ensino e aprendizagem dos jovens estudantes.

Enquanto a Sociologia oferece instrumentos para compreender a organização social e as relações de poder, a Antropologia adiciona camadas de significado cultural, explorando práticas, costumes e valores que sustentam essas relações. Essa complementaridade permite uma análise mais profunda e abrangente das realidades humanas, especialmente em um país como o Brasil, onde a diversidade cultural é um dos traços mais marcantes, mas infelizmente caracterizado por relações etnocêntricas. Nessa perspectiva, Everardo Rocha, ao abordar a temática do etnocentrismo destaca que:

² Ser diferente é, na verdade uma característica intrínseca à diversidade humana e, portanto, normal, pois existem homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais, pretos, brancos, ricos, pobres, etc. Cada indivíduo possui características e experiências únicas que o moldam como um ser singular. A presença da antropologia no ensino de sociologia contribui para a compreensão dessa riqueza de diferenças trazida pela diversidade cultural, bem como, o posicionamento de não aceitar um tratamento desigual baseado nas características de uma pessoa, seja pelo gênero, orientação sexual, cor de pele, classe social, pois tais atitudes perpetram e perpetuam injustiças e impedem uma convivência equitativa.

Etnocentrismo é uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser vista como a dificuldade de pensarmos a diferença (...) (Rocha, 1998, p. 05)

No ambiente escolar, esse olhar muitas vezes se manifesta na forma de preconceitos, discriminação, estereótipos, estigmatizações. Exemplo disso ocorreu, durante minha atuação docente em uma escola pública da rede estadual, quando a fotografia de um estudante passou a circular nas redes sociais acompanhada de comentários pejorativos de teor racista. O episódio evidencia como práticas discriminatórias presentes nas relações sociais podem também se reproduzir e ganhar maior alcance nos ambientes digitais.

Nesse sentido, a Antropologia, ao mobilizar conceitos como relativismo cultural, alteridade e etnocentrismo, pode contribuir para a compreensão crítica das formas pelas quais determinadas diferenças sociais e culturais são transformadas em desigualdades, preconceitos e práticas discriminatórias. No ambiente escolar, essa perspectiva permite problematizar manifestações de racismo não apenas como atitudes individuais, mas também como expressões de visões hierarquizadas sobre grupos, identidades e modos de vida. Desse modo, o ensino antropológico pode favorecer à desconstrução dessas hierarquias e estimular o reconhecimento da diversidade como elemento constitutivo da vida social.

Uma possibilidade pedagógica para desenvolver essa reflexão consiste na análise de manifestações culturais regionais, como o Círio de Nazaré no Pará ou a Festa do Sairé do oeste do Pará, mais especificamente em Alter do Chão ou ainda o Bumba Meu Boi no Maranhão, dentre outras, as quais podem ser utilizadas em sala de aula para descrever e demonstrar como práticas culturais específicas são expressão de identidades coletivas. Essas análises permitem que os alunos reconheçam a riqueza da diversidade cultural brasileira, questionando visões homogêneas que tendem a privilegiar apenas manifestações culturais de determinados grupos sociais, por isso a necessidade da inter-relação entre Sociologia e Antropologia.

Com efeito, para que essa junção seja efetiva, é necessário adotar metodologias ativas que coloquem os alunos no centro do processo de aprendizado. Atividades como estudos de caso, projetos de pesquisa sobre culturas locais e debates baseados em documentários antropológicos são ferramentas eficazes para engajar os estudantes. Essas estratégias não apenas tornam o aprendizado mais dinâmico, mas também ajudam a desenvolver habilidades críticas e reflexivas.

A interdisciplinaridade também pode ser explorada por meio de parcerias entre diferentes disciplinas escolares. Por exemplo, as aulas de história podem abordar a formação das culturas indígenas e afro-brasileiras, enquanto a geografia pode explorar os impactos das migrações e das transformações do espaço urbano na formação cultural. Quando essas

RPI – Portugal. Vol. 08 nº 01. Pág. 81-96 jan/jun. 2026. DOI: 10.29327/237890.8.1-5
www.revistas.editoraenterprising.net

disciplinas dialogam com a Sociologia e a Antropologia, os alunos passam a compreender a sociedade como um sistema interligado, no qual questões culturais, sociais e históricas se entrelaçam de maneira complexa.

Apesar de suas inúmeras potencialidades, a integração da Antropologia no ensino de Sociologia enfrenta barreiras significativas. Uma delas é a formação docente. Muitos professores não recebem uma preparação adequada que os capacite a trabalhar com temas antropológicos de forma crítica e contextualizada. É importante também mencionar que o a sociologia possui uma história mais próxima e integrada ao ensino básico do que em comparação a Antropologia e a Ciência Política, as quais parecem estar desconectadas das práticas pedagógicas do ensino médio, como expõe a autora:

Luiz e Ricardo, vinculados, respectivamente, ao ensino superior e à educação básica, participam dos fóruns sobre ensino de sociologia, mas não são atuantes na antropologia. Para eles, tanto no campo da antropologia quanto no da ciência política, não há diálogo com o debate sobre o ensino fora da universidade. Eles criticam um “academicismo” e “elitismo” característico dessas áreas do conhecimento, que as afasta dessa discussão, mais apropriada pela sociologia devido à sua inserção na educação básica desde a institucionalização das ciências sociais no Brasil, e que se manteve presente, mesmo nos períodos de intermitência da disciplina escolar, nos cursos de sociologia da educação na formação de professores (Fontes, 2019, p. 206).

Na verdade, a própria instituição escolar pode ser considerada como uma miniatura da sociedade ou “microcosmo da sociedade”, como conceitua o Mestre Victor Hugo de Oliveira Pinto em um de seus trabalhos intitulado “a escola como microcosmo da sociedade: práticas reprodutivas e inclusivas”, na qual traz à tona a necessidade do diálogo com as diferenças, posto que,

através da valorização da alteridade das pessoas, e da possibilidade que a escola pode oferecer para além de um campo de enquadramento, se pode constituir um processo de ensino aprendizagem que realmente sensibilize, reconheça e dialogue com as diferentes alteridades e façam com que as pessoas posam (SIC) desenvolver as suas diversas possibilidades (Pinto, 2014., p. 07 – 08).

Outro desafio é a resistência institucional e social a temas considerados “polêmicos”, como gênero, orientação sexual, questões étnico-raciais, outros. Nesse sentido, é essencial que os educadores adotem uma postura crítica e comprometida com a transformação social, utilizando os conceitos antropológicos para questionar as desigualdades e promover o diálogo intercultural e interdisciplinar.

Essas questões tornam-se ainda mais relevantes quando se considera que a escola é um espaço de construção de identidades, sociabilidades e pertencimentos, sobretudo entre os jovens. As experiências juvenis são marcadas por diferenças culturais, relações de gênero,

A contribuição da Antropologia para o ensino de Sociologia na educação básica: desafios e perspectivas

questões étnico-raciais, valores, conflitos e formas diversas de reconhecimento social. Nesse contexto, o diálogo entre Educação e Antropologia oferece importantes instrumentos para compreender como as identidades juvenis são produzidas e ressignificadas no cotidiano escolar.

3 JUVENTUDE, IDENTIDADE E EDUCAÇÃO NO DIÁLOGO COM A ANTROPOLOGIA

A compreensão da juventude e sua identidade tem sido amplamente discutida na antropologia, que investiga como esses fenômenos estão profundamente enraizados nas relações sociais e culturais. No contexto educacional, essa discussão ganha relevância por oferecer perspectivas críticas sobre o papel da escola e de outras instituições na construção da identidade juvenil. Esta seção, analisa juventude, identidade e educação em diálogo com a antropologia, enfatizando como essas categorias sociais moldam e são moldadas pelas práticas educativas.

A juventude, enquanto grupo etário, não é um conceito universal, mas uma construção social e histórica, específica de sociedades modernas e capitalistas. Em contextos pré-modernos, a transição da infância para a idade adulta era marcada por rituais que simbolizavam o amadurecimento e a inserção direta nas responsabilidades coletivas, sem a existência de uma categoria intermediária definida como juventude. Com o advento da modernidade, a juventude foi institucionalizada como um período de transição, carregando características e expectativas definidas pelo mundo adulto.

A antropologia destaca que as construções de juventude variam conforme o contexto histórico, cultural e de classe. Nildo Viana observa que “no caso específico da juventude, ela é constituída num conjunto de relações sociais instituídas pelos adultos e ganham sua posição social específica devido à ação destes últimos” (Viana, 2009, p. 149). Assim, a juventude é moldada pelas normas, valores e práticas sociais predominantes, que determinam sua inserção nas estruturas sociais, especialmente por meio de instituições como a escola.

A formação da identidade juvenil também é compreendida como um processo social e histórico. Para além de uma concepção biológica ou psicológica, a identidade é construída em interação com o outro e com o meio social. A escola assume um papel fundamental nesse processo, funcionando como um espaço de ressocialização, onde os jovens são preparados para assumir responsabilidades sociais e integrar-se ao mercado de trabalho (Viana, 2009). Esse papel da escola, no entanto, é atravessado por desigualdades sociais que afetam a experiência educacional de diferentes grupos juvenis. Em muitos casos, a escola não apenas transmite

conhecimentos, mas também reproduz valores e normas que reforçam padrões sociais dominantes, como já acima mencionado no trabalho de Victor Hugo Pinto.

Isso é visível na formação de uma imagem da juventude como incompleta, transitória e em constante busca por alcançar o ideal de adulto. Esse modelo de juventude, amiúde naturalizado, desconsidera as particularidades das vivências juvenis e a diversidade de experiências culturais e de classe.

Embora a escola seja uma instituição essencial para a formação da identidade juvenil, ela também pode ser um espaço de contestação e resistência. Muitos jovens desafiam as normas impostas, construindo identidades alternativas que refletem irreverência e rebeldia. Essas identidades, no entanto, não escapam completamente das pressões sociais, uma vez que são frequentemente reinterpretadas pelo mundo adulto de forma a enquadrá-las em um discurso naturalizado ou até mesmo patológico.

A antropologia oferece contribuições significativas para a educação básica ao propor abordagens que reconheçam a juventude como uma categoria social heterogênea e dinâmica. Em vez de tratar os jovens como uma massa uniforme, é fundamental considerar as diferenças de classe, gênero, etnia, orientação sexual e espaço que atravessam suas experiências diárias. Essa perspectiva permite que a educação funcione não apenas como um espaço de transmissão de saberes, mas também como um meio de valorização das singularidades e de promoção de práticas inclusivas.

A antropologia questiona ainda o papel da educação na perpetuação de estruturas de poder e desigualdade. Groppo (2017) destaca em seu escrito a construção de uma juventude que tende a reproduzir padrões e normas socialmente estabelecidos. Essa visão frequentemente reproduzida no discurso educacional, precisa ser desafiada para que as escolas possam atuar como espaços de transformação social.

Mediante a isto, o diálogo entre antropologia e educação básica oferece caminhos promissores para uma prática pedagógica mais crítica e inclusiva. Ao reconhecer os jovens como sujeitos sociais ativos, é possível construir metodologias que valorizem suas experiências e contribuam para o desenvolvimento de identidades autênticas e autônomas. Isso inclui a adoção de práticas pedagógicas que promovam o diálogo, o respeito à diversidade e a problematização das normas sociais dominantes.

Ao mesmo tempo, é necessário questionar a naturalização da juventude como uma fase transitória e subordinada ao modelo adulto. A antropologia nos lembra que identidades juvenis não são fixas, mas constantemente negociadas em um campo de tensões sociais. Essa compreensão abre espaço para a construção de uma educação que valorize a pluralidade de vivências juvenis e que promova um espaço de pertencimento e autonomia.

A relação entre juventude, identidade e educação, analisada sob a ótica da antropologia, revela a complexidade dessas categorias sociais e seu impacto no contexto educacional. Compreender os jovens como sujeitos sociais dinâmicos e heterogêneos é essencial para a construção de práticas pedagógicas transformadoras. A educação básica, ao incorporar as contribuições da antropologia, pode se tornar um espaço de valorização das identidades juvenis e de promoção de um aprendizado significativo, respeitoso e inclusivo.

4 DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA CONSTRUÇÃO DE UM ENSINO INTERDISCIPLINAR

A conexão entre disciplinas no ensino básico, em especial entre a Sociologia e a Antropologia e não nos esqueçamos da Ciência Política, apresenta desafios significativos, mas também abre perspectivas valiosas para a formação crítica e cidadã dos estudantes. A educação contemporânea demanda que os conteúdos sejam interligados para que possam dialogar com as vivências dos alunos e ampliar sua compreensão sobre a realidade social. Nesse contexto, o ensino interdisciplinar surge como uma abordagem potente para estimular a reflexão, a criatividade e a resolução de problemas complexos.

A principal dificuldade para implementar um ensino interdisciplinar entre Sociologia e Antropologia reside na formação inicial e continuada dos professores. Muitos educadores da Sociologia na educação básica possuem pouca ou nenhuma base sólida em Antropologia, o que limita a utilização de conceitos antropológicos em sala de aula. Isso reflete um problema mais amplo do sistema educacional, que fragmenta os saberes e, frequentemente, desvaloriza as ciências humanas.

Com efeito, para eu haja um significativo processo de ensino e aprendizagem Rafael Palermo Buti (2021) aponta uma prática pedagógica baseada no “diálogo dos saberes”, o qual tinha a intenção de:

introduzir o debate sobre quilombos conjugando encontros em sala de aula guiados por referências bibliográficas com dinâmicas nas comunidades quilombolas de Dom João e Cordoaria guiadas por seus engajadores. Além de estudantes e moradores das duas comunidades, participaram das vivências alguns docentes da Unilab. A ideia era não somente fomentar a discussão para os/as estudantes e fazê-los/as conhecer territórios e territorialidades quilombolas, mas propiciar intercâmbios intercomunitários nos seus lugares de vida, e produzir o compartilhamento de experiências novas (Buti, 2021, p. 07)

Outro desafio está na resistência das instituições escolares, que ainda se organizam em estruturas rígidas de disciplinas isoladas. Embora os documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enfatizem a importância da interdisciplinaridade, muitas

escolas não possuem autonomia ou recursos para implementar práticas pedagógicas que irrompam com o ensino tradicional. Além disso, a sobrecarga de conteúdos e a pressão para atingir metas curriculares tornam difícil para os professores explorarem abordagens inovadoras, além do que ainda existem muitos docentes que aplicam a pedagogia tradicional.

Outro fator relevante a ser abordado, é o contexto sociocultural em que as escolas estão inseridas também influencia diretamente. Em regiões como a Amazônia, por exemplo, os desafios incluem a escassez de materiais didáticos adequados que dialoguem com a realidade local e a formação de professores que não consideram as especificidades culturais dos povos da região. Nesse sentido, é essencial criar estratégias que promovam a valorização do conhecimento local e das tradições culturais, alinhando-as às abordagens interdisciplinares.

Apesar de todas essas dificuldades, a interação entre Antropologia e Sociologia apresenta possibilidades enriquecedoras. A Antropologia, com seu olhar atento às diferenças culturais e à diversidade humana, complementa a Sociologia ao fornecer ferramentas para interpretar as dinâmicas culturais, os símbolos e os valores que estruturam as sociedades.

Como exemplo dessa articulação entre Sociologia e Antropologia, uma atividade pedagógica foi desenvolvida com uma turma da 1ª série do Ensino Médio de uma escola pública estadual de Santana – AP. Os estudantes participaram de uma visita monitorada ao Museu de Arqueologia e Etnologia do Amapá e à Fortaleza de São José de Macapá. A atividade buscou integrar conhecimentos sociológicos e antropológicos por meio da análise do patrimônio histórico e cultural da região.

No Museu de Arqueologia e Etnologia, os estudantes tiveram contato com artefatos indígenas e com aspectos da história dos povos originários do Amapá, estabelecendo relações como conceitos de identidade cultural, patrimônio material e imaterial e etnografia. Na Fortaleza de São José de Macapá, a abordagem voltou-se para os processos históricos relacionados à colonização e à formação social e urbana da região, possibilitando discussões sobre memória, relações de poder e desigualdades sociais.

Essa experiência demonstrou como atividades práticas podem enriquecer a compreensão dos alunos, aproximando-os de suas realidades e fomentando um ensino mais dinâmico e contextualizado. Ao final da visita, os estudantes produziram textos reflexivos e participaram de debates em sala de aula, evidenciando as possibilidades da abordagem interdisciplinar, entre sociologia, antropologia, história, filosofia e inclusive com a disciplina de língua estrangeira (inglês).

A experiência evidencia, portanto, as possibilidades da interdisciplinaridade no processo educativo, mas também chama a atenção para as condições necessárias à realização e à continuidade de práticas dessa natureza.

Assim sendo, para que o ensino interdisciplinar seja consolidado, é necessário que as políticas públicas garantam condições estruturais e pedagógicas adequadas. Isso inclui a formação continuada dos professores, a produção de materiais didáticos que integrem as perspectivas das Ciências Sociais e a flexibilização dos currículos escolares e inclusive meios de transporte, uma das principais dificuldades para realizar uma abordagem etnográfica ou de observação participante para alunos de escolas públicas.

No âmbito das diretrizes educacionais, é importante que os gestores valorizem o trabalho interdisciplinar como uma prática pedagógica central e não como uma exceção. Nesse sentido, o papel dos coordenadores pedagógicos é crucial para articular as diferentes áreas do conhecimento e promover uma cultura de colaboração entre os professores.

Ao mesmo tempo, é essencial envolver a comunidade escolar no processo, especialmente os estudantes e suas famílias, para que o ensino interdisciplinar reflita as demandas e os interesses dos sujeitos envolvidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou discutir a contribuição da Antropologia para o ensino de Sociologia na educação básica, destacando os desafios e as perspectivas que permeiam essa abordagem interdisciplinar. A partir das análises realizadas, percebe-se que a interação entre essas duas Ciências Sociais pode enriquecer significativamente a compreensão dos fenômenos sociais, oferecendo ferramentas conceituais e metodológicas que auxiliam os jovens estudantes na construção de uma visão crítica e reflexiva sobre a sociedade.

No entanto, o estudo revelou que a integração da Antropologia no ensino de Sociologia enfrenta desafios estruturais e pedagógicos. Entre eles, destaca-se a formação docente, muitas vezes fragmentada e carente de uma abordagem mais interdisciplinar, bem como a não formação continuada. A ausência de uma articulação mais robusta entre os conteúdos propostos pelos documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e a prática pedagógica também emerge como um obstáculo. Isso reflete a necessidade de ampliar os espaços de formação continuada para professores, promovendo reflexões acerca das possibilidades de dialogar com a Antropologia de forma efetiva no cotidiano escolar.

Outro ponto relevante é a resistência de alguns professores e gestores em incorporar novas abordagens e metodologias de ensino e optam por utilizar pedagogia tradicional. Muitas vezes, o ensino de Sociologia acaba limitado à transmissão de conceitos teóricos, sem explorar o potencial etnográfico e crítico da Antropologia. Essa limitação restringe a capacidade de os estudantes relacionarem os conteúdos curriculares às suas vivências e aos desafios da contemporaneidade, como as questões de identidade, diversidade cultural e desigualdade social.

Apesar desses desafios, as perspectivas são promissoras. A Antropologia oferece um arcabouço teórico e metodológico que permite problematizar aspectos fundamentais da convivência humana, como os processos de socialização, as práticas culturais, os sistemas simbólicos, as diferenças culturais e as relações de poder. No contexto da educação básica, esse diálogo pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de competências essenciais, como o pensamento crítico, a empatia e a habilidade de interpretar contextos sociais complexos.

Ademais, a incorporação de conceitos e práticas antropológicas no ensino de Sociologia pode contribuir para a valorização da diversidade cultural e a construção de uma cidadania mais inclusiva. Por meio de atividades como a análise de relatos etnográficos, o estudo de culturas locais e globais, e a reflexão sobre os processos históricos de formação da sociedade, os estudantes podem desenvolver uma percepção mais ampla e crítica das dinâmicas sociais.

Para que essa perspectiva se concretize, é fundamental investir em políticas públicas que promovam a valorização do ensino de Ciências Sociais na educação básica, bem como na produção de materiais didáticos que contemplem as contribuições da Antropologia de forma acessível e contextualizada. Além disso, é necessário fomentar projetos e práticas pedagógicas que dialoguem com as realidades locais e regionais, de modo a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo para os estudantes.

O respectivo artigo reforça a importância de continuar investigando as possibilidades de integração entre Antropologia e Sociologia no ensino básico. As questões aqui levantadas não esgotam o tema, mas apontam caminhos para futuras reflexões e práticas que possam consolidar o papel das Ciências Sociais na formação de cidadãos críticos e conscientes. É preciso, portanto, que pesquisadores, educadores e gestores assumam o compromisso de transformar os desafios em oportunidades, buscando construir um ensino que dialogue com as demandas do mundo contemporâneo e com a complexidade das relações humanas.

Diante do exposto, a Antropologia não apenas complementa a Sociologia no contexto escolar, mas também se torna um instrumento indispensável para a promoção de uma educação comprometida com a transformação social e com a construção de uma sociedade mais justa e plural.

REFERÊNCIAS

- Buti, R. P. (2021). História quilombola no chão: No caminho para o ensino de uma antropologia imersa na vida. *Novos Debates*, 7(1), 1–24.
- Fontes, B. de S. (2019). *Entre o chão da escola e a universidade: A antropologia nos manuais didáticos de Sociologia* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Grosso, L. A. (2017). *Introdução à sociologia da juventude*. Paco Editorial.
- Pinto, V. H. de O. (2014). A escola como microcosmo da sociedade: Práticas reprodutivas e inclusivas. In *Anais do I Congresso Internacional de Educação e Inclusão (CINTEDI)*. Realize Editora.
- Rocha, E. P. G. (1998). *O que é etnocentrismo* (5ª ed.). Brasiliense.
- Viana, N. (2009). Juventude e identidade. *Estudos*, 36(1/2), 145–154.

**The contribution of anthropology to the teaching of sociology in basic education:
challenges and perspectives**

ABSTRACT

This article analyzed the contributions of anthropology to the teaching of sociology in high school, considering its theoretical and methodological possibilities for understanding sociocultural diversity and youth identities, as well as the challenges related to building an interdisciplinary approach in Basic Education. The study adopts a qualitative approach, of bibliographic nature and theoretical-reflexive character, based on authors who discuss ethnocentrism, otherness, youth, identity, education and teaching of Anthropology and Sociology. The analysis is organized in three axes: the dialogue between Anthropology and Sociology in school education; the relations between youth, identity and education; and the challenges and perspectives for the construction of interdisciplinary pedagogical practices. The discussion highlights that anthropological concepts such as culture, ethnocentrism, cultural relativism and alterity can contribute to the problematization of prejudices, discrimination and hierarchical views of sociocultural differences. It also shows that the understanding of youth as a heterogeneous social category makes it possible to bring school content closer to students' experiences. Among the main challenges are teacher training, institutional limitations and the need for contextualized materials and methodologies. It is concluded that the articulation between Anthropology and Sociology can expand the possibilities of a critical, interdisciplinary teaching committed to the appreciation of diversity.

Keywords: Anthropology, Sociology teaching, Interdisciplinarity, Youth.

La contribución de la antropología a la enseñanza de la sociología en la educación básica: desafíos y perspectivas

RESUMEN

El presente artículo analizó las contribuciones de la Antropología para la enseñanza de la sociología en la escuela secundaria, considerando sus posibilidades teóricas y metodológicas para la comprensión de la diversidad sociocultural y de las identidades juveniles, así como los desafíos relacionados a la construcción de un enfoque interdisciplinario en la Educación Básica. El estudio adopta un abordaje cualitativo, de naturaleza bibliográfica y carácter teórico-reflexivo, fundamentado en autores que discuten etnocentrismo, alteridad, juventud, identidad, educación y enseñanza de Antropología y Sociología. El análisis está organizado en tres ejes: la interlocución entre Antropología y Sociología en la enseñanza escolar; las relaciones entre juventud, identidad y educación; y los desafíos y perspectivas para la construcción de prácticas pedagógicas interdisciplinarias. La discusión evidencia que conceptos antropológicos como cultura, etnocentrismo, relativismo cultural y alteridad pueden contribuir a la problematización de prejuicios, discriminaciones y visiones jerarquizadas de las diferencias socioculturales. También demuestra que la comprensión de la juventud como categoría social heterogénea permite acercar los contenidos escolares a las experiencias de los estudiantes. Entre los principales desafíos se destacan la formación docente, las limitaciones institucionales y la necesidad de materiales y metodologías contextualizadas. Se concluye que la articulación entre Antropología y Sociología puede ampliar las posibilidades de una enseñanza crítica, interdisciplinaria y comprometida con la valorización de la diversidad.

Palabras clave: Antropología, Enseñanza de Sociología, Interdisciplinariedad, Juventud.